

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

CRECHE MACHADO DE ASSIS

Relato de Experiências dos Grupos de Estudos que aconteceram na Creche
Machado de Assis no ano de 2009

Socializando fazeres, trocando idéias e ampliando conhecimentos

Marlene Luiz

Este texto é resultado das discussões realizadas nos Grupos de Estudos na Creche Machado de Assis, o que representa um dos espaços de formação em serviço. O objetivo será o de partilhar um pouco do movimento tecido nos grupos ao longo dos encontros que ocorreram no ano de 2009.

A responsabilidade pela organização dos grupos foi assumida pela supervisora da unidade, apoiada pela diretora. Para as discussões com os profissionais foi convidada uma professora de outra creche a fim de acompanhar as reflexões e contribuir com outros pontos de vista.

Foram formados quatro grupos constituídos pelas professoras das crianças, uma professora de educação física, pelas auxiliares de sala, auxiliares de ensino, professoras readaptadas, pela supervisora e pela diretora. Os encontros ocorriam quinzenalmente na própria creche, por um período de uma hora por grupo.

A idéia desta formação, socializada com os grupos em um primeiro momento, foi a de discutir textos teóricos (entregues previamente) e articulá-los à prática cotidiana, haja vista não vermos sentido na discussão de textos que se distanciassem daquilo que era vivenciado com as crianças no dia-a-dia da creche.

Então... vamos aos encontros,

Primeiro encontro: apresentações dos integrantes, exposição dos objetivos, adequação do espaço para realização dos encontros do grupo, definição de tempo, opções de textos, gravação de falas, produção de material escrito, dinâmica utilizada, importância do registro, ufa... quanta coisa para alinhar. Precisávamos construir um momento, ao mesmo tempo, agradável e consensual, ao menos para a maioria.

Próximos encontros... Nosso grande desafio foi, de fato, articular a prática cotidiana ao material teórico e agregar àquilo que se lia as relações que se estabeleciam diariamente entre os adultos e as crianças.

O que os textos tinham em comum com aquilo que se vivia cotidianamente? Que indicações o material trazia para pensar sobre as crianças, as infâncias, os contextos da Educação Infantil?

Os textos que se seguiram, de sugestão da supervisão e também da escolha dos grupos, geraram, em determinados momentos, tanto conflitos e divergências, como concordância, acréscimos e dúvidas, o que nos fez perceber ainda mais a relevância da discussão conjunta e da leitura coletiva, pois estávamos interagindo com uma multiplicidade de saberes, de experiências e de vivências. As diferentes concepções que emergiam nas discussões fizeram com que o grupo também questionasse suas 'verdades', reconhecendo assim, outras possibilidades para aquilo que já parecia consagrado e, portanto, imutável.

Novos encontros e desencontros entre o grupo... As discussões nem sempre eram realizadas quinzenalmente como havia sido planejado no início. A não realização dos grupos em determinados momentos era em razão, tanto das ausências de algumas profissionais, como a falta de tempo devido a outros compromissos igualmente importantes que aconteciam na creche e que envolveriam as professoras.

Às vezes, tínhamos a impressão de que as profissionais vinham para o grupo um pouco contrariadas, em razão talvez da dinâmica da sala; bastava, porém, iniciar as discussões para todas terem sempre algo para falar, para sugerir ou questionar. Era esse sentido de pertencimento que as deixava mais à vontade.

Dizia uma das professoras: *“Penso que é muito difícil integrar as crianças bem pequeninhas, aquelas com menos de 1 ano, com as outras crianças, inclusive com as crianças de 2 anos, pois os interesses e as necessidades são muito diferentes”*.

O grupo intervinha, opinava, sugeria, se solidarizava... Dizia ainda uma auxiliar de sala: *“Olha, as crianças são muito diferentes mesmo, enquanto uma quer ficar na rodinha, a outra que ver livrinho, outra quer ir ao parque, e daí, o que nós fazemos com tudo isso?”* E mais sugestões vinham do grupo, novas experiências eram socializadas. Discutíamos a criança real, não a criança idealizada em livros. Discutíamos concepções significativas, não aquelas universalizadas e, portanto, apenas repetidas sem sentido.

Os grupos foram percebendo a importância de se pausarem as ações com as crianças para refletir sobre elas. A escuta do que o outro tinha a falar passou a ser valorizada quando as angústias, as incertezas e também as alegrias se aproximavam daquilo que era sentido por todas, embora de maneiras diferentes.

Essa sensibilidade do olhar e da escuta transfere-se para as crianças, conforme conclui-se do relato de outra professora: *“ As pedrinhas do parque que para nós (adultos) não significam nada, para algumas crianças era ‘ouro’... ”*.

Esse respeito ao outro, seja adulto ou criança, é tornado visível nas muitas situações que nos parecem rotineiras. Vejamos o que a professora nos contou: *“Costumava passar pelas mesas para observar as crianças desenhando. Certa vez uma delas desenhou algo que parecia um mastro, ao ver da professora poderia ser um barco. Então, perguntou à criança se havia desenhado um barco à vela. A criança, por sua vez, não respondeu. A professora passou pela segunda vez e observou que a criança havia acrescentado um quadrado no desenho e perguntou novamente o que era aquilo. A criança respondeu que era o fósforo para acender a vela”*.

Novos encontros, antigas perguntas; “Mas brincar com arminhas pode?”

Questiona uma professora. “A própria criança nos responde”, relata outra professora: “ Vocês não tão vendo que é só uma brincadeira?”.

Desabafo de uma das professoras: “As crianças acabam muitas vezes brincando sempre com as mesmas coisas...” A outra relata: “Sempre que faço passeio com as crianças recolhemos elementos da natureza, seja gravetos, pedras, folhas; esses materiais fazem depois parte do cenário da sala.”

E as músicas? “ Não deixo de colocar os CDs que as crianças trazem, porém, sempre trago outras opções também.”

O coletivo ajuda a pensar, a perceber outras alternativas; ajuda a traçar novos caminhos para aqueles que já pareciam tão sedimentados. Para isso, é preciso disposição para abrir-se ao diálogo e também à crítica, o que não significa julgamento, mas apenas o reconhecimento das nossas potencialidades e dos nossos limites, assim como das possibilidades de mudanças e constâncias.

Segundo uma das professoras: “ O professor deve acreditar em sua competência e não se deixar levar só por modismos...”

Finalizando os encontros, mas apenas temporariamente...

Embora estejamos aprendendo a questionar as ‘verdades e as certezas’ podemos afirmar que a construção de conhecimentos se faz na intersecção dos saberes que todos acumulamos ao longo da vida, seja ela pessoal ou profissional. Por conseguinte, na educação, em especial na educação infantil, não há como trabalhar isoladamente, é necessário sim abrir-se ao diálogo e a outros pontos de vista, a outras formas de saberes para que, juntos, possamos construir nossa autonomia.

O trabalho desenvolvido nos grupos de estudos ao longo do ano de 2009 representou apenas um dos momentos para se refletir sobre a prática pedagógica. Entendemos que se faz necessário a construção de outros espaços e mesmo o alargamento do que aqui foi descrito. Entendemos ainda que tão ou mais importante

do que se perguntar o quê e como discutir, será o papel de questionar aonde queremos chegar com tal dinâmica. Quais novos sentidos e novos significados podemos reconstruir para as relações que se estabelecem entre adultos e crianças diariamente.

Temos, neste momento, a convicção de que a divisão de impressões, dúvidas e 'novidades' com o outro, nos permite estranhar tudo aquilo que já nos parecia tão familiar, pois, embora estejamos todos num espaço comum, haverá sempre outras formas de pensar e de fazer, será este o impulso para a criação do novo e do diferente.

O trabalho educativo se desenvolve no compartilhamento de idéias e pesquisas, no estudo coletivo, na troca de olhares, na sensibilidade da escuta, na leitura dos espaços e dos tempos, enfim, nas 'dicas' do fazer. Isso implica a percepção da pluralidade existente nesse mesmo espaço e da necessidade constante do diálogo.

Autores deste trabalho:

Diretora: Edna Aparecida Soares dos Santos

Supervisora: Marlene Luiz

Professora convidada para auxiliar nas reflexões: Elaine de Paula

Auxiliares de Ensino: Amélia Bendlim e Maria Elisabet Ruzza.

Professoras readaptadas: Jurcleidy Gonçalves Moritz Luz e Romeli Bez Batt Porton.

Profissionais de sala: Grupo I – Período Matutino: Ana Lúcia Teixeira Chaves, Denise Seemann, Soraia Martins Boneli, Elizabete Silva, Cleide Iracema Pereira Martins, Rozeli Aparecida August Sanfelici, Simoni Martins Westphal, Janete Aparecida Vieira, Andréia Ramos, Ketlen Brown.

Grupo I – Período Vespertino: Sônia Mara de Souza, Eliane Maria Ribeiro Hoffmann, Tânia Martins Silva, Roseli Nerci de Souza, Ivanise

Walter Silveira, Adriana Anjos de Lima, Adriana Margarida de Souza, Úrsula Iracema da Silva.

Grupo II – Matutino: Ana Maria Liberato de Souza, Luciana Cabral Chaves, Andréia Regina Cardoso Caetano, Cristilde Wenzel, Simone Ocampos Balestra, Sandra Soares Correa, Maria de Fátima Gomes dos Santos.

Grupo II – Vespertino: Eliete Terezinha Martins Figueredo, Nádia Schmitz, Patrícia de Fátima Cabral, Leonara de Souza, Bárbara Lana Brinkner, Tacilda de Freitas de Souza, Maria Hemília de Souza.

Algumas Bibliografias Utilizadas:

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (org). Linguagens Infantis: Outras formas de leitura. Apresentação da autora. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Florianópolis, PMF. SME. Princípios Pedagógicos para Educação Infantil Municipal. 2000.

KUHLMANN JR, Moysés. Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica, POA: Mediações, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto, CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e Miúdos. Portugal: ASA, 2002.

SOARES, Natália Fernandes. Os Direitos das Crianças nas Encruzilhadas da Proteção e da Participação. Braga: Instituto de estudos da Criança. Universidade do Minho. WWW.iec.uminho.pt/cedic. Acesso ao site no dia 30/05/05.

ROCHA, Eloísa A.C. Diretrizes Educacionais- Pedagógicas para a Educação Infantil.2008.

